

PSICOFÁRMACOS EM ADOLESCENTES COM DISTÚRBIOS GINECOLÓGICOS FUNCIONAIS E IMPACTOS DA MEDICALIZAÇÃO PRECOCE: REVISÃO DE LITERATURA

PSYCHOPHARMACOLOGICAL TREATMENT IN ADOLESCENTS WITH
FUNCTIONAL GYNECOLOGICAL DISORDERS AND IMPACTS OF EARLY
MEDICALIZATION: LITERATURE REVIEW

PSICOFÁRMACOS EN ADOLESCENTES CON TRASTORNOS GINECOLÓGICOS
FUNCIONALES E IMPACTOS DE LA MEDICALIZACIÓN PRECOZ: REVISIÓN DE LA
LITERATURA

DATA DE SUBMISSÃO: 03/08/2025 | DATA DE ACEITE: 16/08/2025 | DATA DE PUBLICAÇÃO: 23/09/2025

NELSON PINTO GOMES¹
OLIVIA MARIA DA SILVA AMORIM²
FABIANA BEZERRA DE SOUTO³
THIAGO CESAR GOMES DA SILVA⁴
RAFAEL LEITUGA DE CARVALHO CAVALCANTE⁵
HARRISON OLIVEIRA SANTIAGO⁶
ESTERLITO NETO GOMES DA COSTA⁷
EVANILDA SILVA BISPO⁸
IVANI RAMOS DO CARMO⁹
ELISABETE SOARES DE SANTANA¹⁰

¹Médico. Mestre em Peritagem Médica e Avaliação do Dano Corporal e Associado da Associação Portuguesa de Avaliação do Dano Corporal (APADAC) no 1017. Universidad Cardenal Herrera CEU em Espanha, São Brás de Alportel, Portugal.

²Pós Graduada em Fisioterapia em Terapia Intensiva pelo Centro Universitário Santo Agostinho (UNIFSA). Teresina, PI, Brasil.

³Enfermeira pela Faculdade Bezerra de Araújo. Santa Cruz, RJ, Brasil.

⁴Enfermeiro. Pós Graduado em Urgência, Emergência e UTI pela Faculdade de Integração do Sertão, Estomaterapia pela Faculdade Estácio. Recife, PE, Brasil.

⁵Médico. Pós Graduado em Psiquiatria. Instituto Israelita de Ensino e Pesquisa Albert Einstein (IIEP).

⁶Médico. Lato Sensu em Psiquiatria - Universidade Uni América & CETRUS, Lato Sensu em Neurociências e Comportamento - Universidade Unimed. Ilhéus, BA, Brasil.

⁷Fisioterapeuta. Pós-Graduação em Fisioterapia Traumato-Ortopédica e Desportiva. Belém, Pará, Brasil.

⁸Enfermeira pela Faculdade Tecnologia e Ciências (FTC). Pós Graduação em Enfermagem Obstétrica. Jequié, BA, Salvador.

⁹Doutoranda em Ensino de Ciências pela Universidade Cruzeiro do Sul (Unicsul). São Paulo, SP, Brasil.

¹⁰Farmacêutica pela Faculdade Santíssima Trindade – FAST. Mestranda em Ciência de Materiais pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Nazaré da Mata, PE, Brasil.



10.70073/prod.edt.978-65-83680-04-4/10

RESUMO

Objetivo: Analisar o uso de psicofármacos em adolescentes com distúrbios ginecológicos funcionais e os impactos da medicalização precoce. **Métodos:** Revisão de literatura realizada entre abril e junho de 2025, Foram realizadas buscas nas bases PubMed, MedLine e Cochrane Library, utilizando descritores relacionados a psicofármacos, adolescentes, distúrbios ginecológicos funcionais e saúde mental. Foram incluídos artigos publicados entre 2021 e 2025, com seleção criteriosa baseada em critérios de elegibilidade e análise por revisores independentes. **Resultados e Discussão:** Foram selecionados 15 estudos, a maioria com desenho observacional e amostras de adolescentes entre 12 e 17 anos, focando em dismenorrea primária, síndrome dos ovários policísticos e amenorrea funcional. Os psicofármacos mais prescritos foram inibidores seletivos da recaptação de serotonina (ISRS) e ansiolíticos, com relato de melhora em sintomas psiquiátricos, mas também de efeitos adversos e riscos associados à medicalização precoce. Destaca-se a ausência de protocolos padronizados e a necessidade de abordagens multidisciplinares que valorizem intervenções não farmacológicas. **Conclusão:** O uso de psicofármacos em adolescentes com distúrbios ginecológicos funcionais deve ser realizado com cautela, privilegiando a integração de terapias farmacológicas e não farmacológicas. É necessário ampliar pesquisas para compreender efeitos a longo prazo e estabelecer protocolos que assegurem prescrição responsável, promovendo o desenvolvimento biopsicossocial saudável dessas adolescentes.

Palavras-Chave: Adolescente; Distúrbios Ginecológicos; Medicalização Precoce; Psicofármacos; Saúde Mental.

ABSTRACT

Objective: To analyze the use of psychopharmaceuticals in adolescents with functional gynecological disorders and the impacts of early medicalization. **Methods:** A literature review was conducted between April and June 2025. Searches were carried out in PubMed, MedLine, and Cochrane Library databases using descriptors related to psychopharmaceuticals, adolescents, functional gynecological disorders, and mental health. Articles published between 2021 and 2025 were included, with careful selection based on eligibility criteria and analysis by independent reviewers. **Results and Discussion:** Fifteen studies were selected, most with an observational design and samples of adolescents aged 12 to 17 years, focusing on primary dysmenorrhea, polycystic ovary syndrome, and functional amenorrhea. The most prescribed psychopharmaceuticals were selective serotonin reuptake inhibitors (SSRIs) and anxiolytics, with reports of improvement in psychiatric symptoms, but also adverse effects and risks associated with early medicalization. The absence of standardized protocols and the need for multidisciplinary approaches that include non-pharmacological interventions were highlighted. **Conclusion:** The use of psychopharmaceuticals in adolescents with functional gynecological disorders should be carried out with caution, prioritizing the integration of pharmacological and non-pharmacological therapies. Further research is needed to understand long-term effects and establish protocols that ensure responsible prescribing, promoting the healthy biopsychosocial development of these adolescents.

Keywords: Adolescent; Functional Gynecological Disorders; Early Medicalization; Psychotropic Drugs; Mental Health.

RESUMEN

Objetivo: Analizar el uso de psicofármacos en adolescentes con trastornos ginecológicos funcionales y los impactos de la medicalización precoz. **Métodos:** Se realizó una revisión de la literatura entre abril y junio de 2025. Se efectuaron búsquedas en las bases de datos PubMed, MedLine y Cochrane Library, utilizando descriptores relacionados con psicofármacos, adolescentes, trastornos ginecológicos funcionales y salud mental. Se incluyeron artículos publicados entre 2021 y 2025, con selección cuidadosa basada en criterios de elegibilidad y análisis por revisores independientes. **Resultados y Discusión:** Se seleccionaron 15 estudios, en su mayoría de diseño observacional y con muestras de adolescentes entre 12 y 17 años, centrados en dismenorrea primaria, síndrome de ovarios poliquísticos y amenorrea funcional. Los psicofármacos más prescritos fueron los inhibidores selectivos de la recaptación de serotonina (ISRS) y los ansiolíticos, con informes de mejoría en los síntomas psiquiátricos, pero también de efectos adversos y riesgos asociados a la medicalización precoz. Se destacó la ausencia de protocolos estandarizados y la necesidad de enfoques multidisciplinarios que incluyan intervenciones no farmacológicas. **Conclusión:** El uso de psicofármacos en adolescentes con trastornos ginecológicos funcionales debe realizarse con cautela, privilegiando la integración de terapias farmacológicas y no farmacológicas. Es necesario ampliar las investigaciones para comprender los efectos a largo plazo y establecer protocolos que aseguren una prescripción responsable, promoviendo el desarrollo biopsicosocial saludable de estas adolescentes.

Palabras Clave: Adolescente; Trastornos Ginecológicos Funcionales; Medicalización Precoz; Psicofármacos; Salud Mental.

1. INTRODUÇÃO

O uso de psicofármacos em adolescentes tem aumentado significativamente nas últimas décadas, refletindo uma tendência global de medicalização precoce de condições relacionadas à saúde mental (Bachmann *et al.*, 2021). Essa prática, embora frequentemente justificada pela necessidade de tratar sintomas psiquiátricos, levanta preocupações específicas quando aplicada a jovens com distúrbios ginecológicos funcionais, dado o impacto multidimensional que tais condições possuem sobre o desenvolvimento biopsicossocial dessa faixa etária (Hope *et al.*, 2022). Assim, é fundamental compreender as implicações do uso desses medicamentos no contexto clínico específico da adolescência, especialmente em relação à saúde mental.

Distúrbios ginecológicos funcionais, como a dismenorreia primária, a síndrome dos ovários policísticos e a amenorreia funcional, afetam uma parcela significativa das adolescentes, influenciando não apenas o bem-estar físico, mas também o psicológico e social (Vickers *et al.*, 2023). A sintomatologia dolorosa e às alterações hormonais associadas a esses quadros podem contribuir para a instalação ou agravamento de transtornos de humor, ansiedade e estresse, aumentando a vulnerabilidade à medicalização como forma rápida de manejo (Miller, *et al.*, 2024). Portanto, a interseção entre esses distúrbios e o uso de psicofármacos merece análise aprofundada.

A medicalização precoce tem sido criticada por autores que apontam para o risco de patologização excessiva do sofrimento juvenil, com impactos negativos na autonomia do adolescente e no reconhecimento das dimensões psicossociais das doenças (Nawaz *et al.*, 2025). Nesse cenário, o uso indiscriminado ou inadequado de psicofármacos pode mascarar sintomas, dificultar diagnósticos precisos e limitar o desenvolvimento de estratégias terapêuticas não farmacológicas, fundamentais para o manejo integral da saúde mental (Kirkpatrick *et al.*, 2022).

Por outro lado, a abordagem medicamentosa, quando bem indicada e monitorada, pode promover alívio dos sintomas e melhorar a qualidade de vida dos adolescentes, sobretudo em quadros que cursam com comprometimento funcional severo (Lindeman *et al.*, 2021). Contudo, a prescrição deve estar inserida em um contexto multidisciplinar, que considere aspectos clínicos, familiares, escolares e sociais, evitando-se a medicalização como solução única e precoce para demandas complexas (Brenner *et al.*, 2025).

Diante desse cenário, o presente estudo tem como objetivo analisar o uso de psicofármacos em adolescentes com distúrbios ginecológicos funcionais, destacando os impactos dessa prática na saúde mental no contexto da medicalização precoce.

2. MÉTODOS

Estudo do tipo revisão de literatura, realizado de abril de 2025 a junho de 2025, com o objetivo de identificar e analisar a evidência científica disponível sobre o uso de psicofármacos em adolescentes com distúrbios ginecológicos funcionais e seus impactos na saúde mental no contexto da medicalização precoce (Galvão, Pansani e Harrad, 2015).

Seguindo as recomendações do Instituto Joanna Briggs (JBI, 2022), em conjunto com as diretrizes metodológicas de Galvão, Pansani e Harrad (2015), o estudo foi estruturado em cinco etapas: (1) formulação da questão de pesquisa, com definição clara dos objetivos; (2) identificação dos estudos relevantes, por meio de buscas em bases de dados como PubMed e MedLine; (3) seleção criteriosa dos estudos, com aplicação de critérios de elegibilidade para assegurar a qualidade metodológica; (4) extração dos dados relevantes, incluindo informações sobre metodologias, amostras, resultados e intervenções; e (5) síntese dos resultados, com análise comparativa das evidências, visando identificar padrões recorrentes e lacunas existentes na literatura científica.

A estratégia PICO (Santos, Pimenta e Nobre, 2007) foi utilizada para definir o objeto de estudo. P (População): adolescentes com distúrbios ginecológicos funcionais; I (Intervenção): uso de psicofármacos. Co (Contexto): manejo clínico sem uso de psicofármacos ou com intervenções não farmacológicas e os impactos na saúde mental e no desenvolvimento biopsicossocial. A questão de pesquisa formulada foi: "Quais são os efeitos do uso de psicofármacos em adolescentes com distúrbios ginecológicos funcionais sobre sua saúde mental, considerando o contexto da medicalização precoce?".

A pesquisa foi realizada nas principais bases de dados científicas: PubMed, MedLine e Cochrane Library. Para a elaboração dos termos de busca, foi consultado o DeCS/MeSH por meio da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), com base nos objetivos e na pergunta norteadora do estudo. Após ajustes e testes, foram empregados os seguintes descritores, com seus respectivos operadores booleanos (AND e OR), em inglês: (*Psychotropic Drugs OR Psychopharmacology*) AND (*Adolescents*) AND (*Functional Gynecological Disorders OR Menstrual Disorders*) AND (*Mental Health OR Medicalization*). Posteriormente, pesquisas

foram realizadas no Google Acadêmico para verificar se haviam estudos relevantes, seguindo os mesmos critérios estabelecidos.

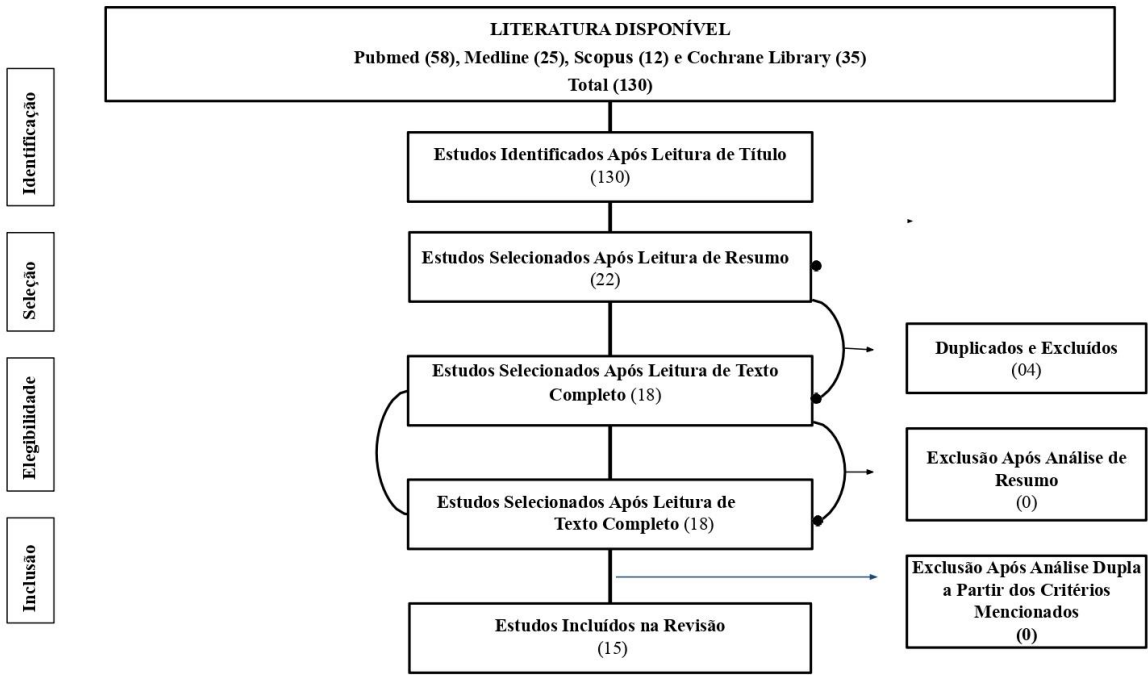
Na terceira etapa, utilizando e adaptando o modelo de fluxograma de Galvão, Pansani e Harrad (2015), foi realizada a busca e seleção dos estudos em quatro subetapas: 1 - Identificação: os estudos relevantes foram localizados por meio de bases de dados acadêmicas; 2 - Seleção: o título e o resumo de cada estudo foram lidos para verificar se atendiam aos critérios de inclusão; 3 - Elegibilidade: os critérios de inclusão e exclusão foram aplicados e avaliados pelo autor e pelos revisores; 4 - Inclusão: finalmente, os revisores, em conjunto com o autor, determinaram quais estudos seriam incluídos na pesquisa.

Na quarta etapa, foram elaborados os critérios de inclusão, que englobam artigos científicos publicados nos últimos cinco anos, disponíveis em texto completo, nos idiomas português, inglês ou espanhol, que abordem o uso de psicofármacos em adolescentes com distúrbios ginecológicos funcionais e seus impactos sobre a saúde mental no contexto da medicalização precoce. Foram excluídos trabalhos que não tratem diretamente desse tema, estudos voltados exclusivamente à farmacologia sem foco na população adolescente ou em aspectos psicossociais, revisões sem rigor científico e artigos duplicados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O PRISMA apresenta o fluxo de seleção de estudos para uma revisão sistemática. Inicialmente, foram identificados 130 estudos a partir de bases de dados como MedLine (25), PubMed (58), Scopus (12) e Cochrane (35). Após a leitura dos títulos, 22 estudos foram selecionados, com 4 duplicados excluídos. Na análise dos resumos, 18 estudos foram escolhidos, com 3 sendo excluídos após essa análise. Em seguida, na leitura do texto completo, 15 estudos foram selecionados pelo primeiro revisor e mantidos pelo segundo revisor. Não houve exclusões após a análise dupla. Finalmente, 15 estudos foram incluídos na revisão. O processo pode ser acompanhado na Figura 1, Fluxograma PRISMA, contendo o Processo de Seleção de Estudos da Revisão.

Figura 1. Fluxograma do Processo de Seleção de Estudos da Revisão



Fonte: Autores, 2025.

Os estudos incluídos na revisão foram analisados quanto ao desenho metodológico, população estudada, tipo de distúrbio ginecológico funcional e perfil dos psicofármacos utilizados. A maioria das pesquisas apresentava desenho observacional, sendo transversal ou longitudinal, com amostras compostas por adolescentes entre 12 e 17 anos. Os distúrbios ginecológicos mais frequentemente investigados foram a dismenorreia primária, a síndrome dos ovários policísticos e a amenorreia funcional, cujas manifestações clínicas têm forte impacto no bem-estar psicológico das pacientes (Zaks *et al.*, 2023).

Em relação aos psicofármacos, os inibidores seletivos da recaptação de serotonina (ISRS) e os ansiolíticos foram os mais prescritos, sobretudo para manejo de sintomas relacionados à ansiedade, depressão e alterações de humor associadas aos distúrbios ginecológicos. Os estudos apontam para uma tendência crescente de prescrição precoce desses medicamentos, muitas vezes acompanhada de pouco acompanhamento multidisciplinar, o que pode elevar os riscos de efeitos adversos e dependência, além de mascarar causas subjacentes que necessitam de abordagens integradas (Goldstein *et al.*, 2021).

Os impactos do uso desses medicamentos na saúde mental das adolescentes foram heterogêneos, com relatos de melhora significativa nos sintomas psiquiátricos em alguns

estudos, mas também alertas sobre efeitos colaterais, como alterações cognitivas, distúrbios do sono e agravamento de sintomas em outros casos (Higuchi *et al.*, 2025). Ademais, a medicalização precoce pode limitar o desenvolvimento de estratégias de enfrentamento psicossociais e a autonomia das adolescentes no manejo de sua condição, o que reforça a necessidade de intervenções mais abrangentes e individualizadas (McCloskey *et al.*, 2021).

Por fim, a análise crítica evidenciou lacunas importantes na literatura, como a falta de estudos longitudinais que acompanhem os desfechos a médio e longo prazo, a escassez de protocolos padronizados para prescrição e monitoramento do uso de psicofármacos nessa população e a necessidade de maior integração entre equipes multiprofissionais para oferecer um cuidado que transcenda o uso exclusivo de medicamentos. Assim, os resultados apontam para a urgência de políticas públicas e práticas clínicas que priorizem a saúde integral das adolescentes, evitando a medicalização desnecessária e promovendo o equilíbrio entre tratamento farmacológico e intervenções psicossociais (Rayburn *et al.*, 2021).

A medicalização precoce de adolescentes com distúrbios ginecológicos funcionais, especialmente com o uso de psicofármacos, tem sido objeto de crescente debate na literatura. Segundo Toffol *et al.* (2022), a medicalização pode transformar questões sociais e emocionais em problemas médicos, o que pode levar ao uso excessivo e inadequado de medicamentos. Waghmare *et al.* (2024) reforçam que essa prática, quando descontextualizada, pode mascarar fatores psicossociais importantes, prejudicando intervenções mais abrangentes e humanizadas.

O papel dos psicofármacos no manejo dos sintomas psiquiátricos associados a distúrbios ginecológicos em adolescentes, embora reconhecido, apresenta desafios significativos. Bachmann *et al.* (2020) alertam que a prescrição sem avaliação multidisciplinar aumenta riscos de efeitos adversos, enquanto Hope *et al.* (2022) destacam a necessidade de acompanhamento clínico contínuo para prevenir complicações e garantir a eficácia terapêutica. A falta de protocolos padronizados evidencia uma lacuna que impacta diretamente na qualidade do cuidado.

Além dos efeitos terapêuticos, os riscos do uso precoce de psicofármacos incluem dependência, alterações cognitivas e impacto no desenvolvimento emocional. Vickers *et al.* (2023) apontam que a vulnerabilidade do cérebro adolescente exige cautela na indicação desses medicamentos, pois podem influenciar negativamente processos maturacionais. Complementarmente, Miller *et al.* (2024) indicam que a medicalização excessiva pode reduzir a busca por estratégias não farmacológicas, essenciais para o manejo integral da saúde mental.

A importância da abordagem multidisciplinar é amplamente destacada para garantir o cuidado integral das adolescentes. Nawaz (2025) enfatizam que o trabalho conjunto entre ginecologistas, psiquiatras, psicólogos e assistentes sociais potencializa o tratamento, minimizando riscos. Kirkpatrick (2022) corroboram que a integração de terapias psicossociais com o uso racional de medicamentos favorece a autonomia e a resiliência das pacientes, além de melhorar os desfechos clínicos.

Os aspectos socioculturais também influenciam a medicalização e o manejo dos distúrbios ginecológicos funcionais. Lindeman *et al.* (2021), discute como o poder médico pode legitimar intervenções invasivas e patologizar experiências femininas naturais. G destacam que, em contextos vulneráveis, a medicalização pode ser uma resposta simplificada a problemas complexos, evidenciando a necessidade de políticas públicas que abordem determinantes sociais da saúde.

A personalização do tratamento, considerando fatores genéticos, ambientais e psicológicos, é apontada como caminho para melhorar o manejo clínico. Brenner *et al.* (2025), ressaltam avanços na medicina personalizada que permitem adequar terapias conforme o perfil individual, reduzindo efeitos colaterais e aumentando a eficácia. Zaks *et al.* (2023), reforçam que essa perspectiva demanda investimentos em pesquisa e capacitação dos profissionais para que a prática clínica evolua para modelos mais integrados e humanizados.

Por fim, a sustentabilidade dos sistemas de saúde depende da adoção de estratégias que priorizem a prevenção e a redução da medicalização desnecessária. Goldstein *et al.* (2021), evidenciam que o uso racional de recursos pode evitar gastos com tratamentos inadequados e suas consequências.

4. CONCLUSÃO

O uso de psicofármacos em adolescentes com distúrbios ginecológicos funcionais representa uma prática clínica que demanda cautela e reflexão crítica. Embora esses medicamentos possam contribuir para o controle de sintomas psiquiátricos associados, a medicalização precoce pode implicar riscos relevantes, como efeitos adversos e comprometimento do desenvolvimento emocional. Portanto, o monitoramento contínuo e a avaliação multidisciplinar são essenciais para garantir a segurança e eficácia do tratamento.

Além disso, a medicalização isolada revela limitações importantes, destacando a necessidade de abordagens integradas que considerem os aspectos biopsicossociais das

adolescentes. O fortalecimento de intervenções não farmacológicas, combinadas com o uso racional de psicofármacos, favorece a autonomia das pacientes e melhora os resultados clínicos. A articulação entre profissionais da saúde é fundamental para construir um cuidado mais humanizado e personalizado.

Por fim, é urgente investir em pesquisas que ampliem o conhecimento sobre os efeitos a longo prazo da medicalização nessa população e desenvolver protocolos padronizados que orientem a prescrição responsável. A implementação de políticas públicas que priorizem a educação em saúde, a prevenção e o suporte psicossocial pode reduzir o uso excessivo de medicamentos e promover a saúde mental integral das adolescentes com distúrbios ginecológicos funcionais.

DECLARAÇÃO DE INTERESSES

Os autores desta revisão de literatura são especialistas em áreas multidisciplinares relacionadas às Ciências da Saúde. Durante a execução deste trabalho, não houve financiamento proveniente de fontes externas para a pesquisa ou elaboração do manuscrito. Assim, os autores afirmam que não possuem conflitos financeiros ou pessoais com entidades que possam influenciar o conteúdo desta revisão. Adicionalmente, os autores não têm interesses pessoais que possam comprometer a objetividade ou imparcialidade deste estudo.

REFERÊNCIAS

BACHMANN, C. S. *et al.* Associação de parto prematuro com prescrição de psicotrópicos na adolescência e na idade adulta jovem. **JAMA Network Open**, v. 4, n. 3, p. e211420-e211420, 2021.

BRENNER, E. J. *et al.* Perspectivas sobre contracepção, gravidez e aconselhamento de saúde reprodutiva de mulheres jovens com doença inflamatória intestinal. **Crohn's & Colitis** 360, v. 7, n. 1, p. otae078, 2025.

GALVÃO, T. F; PANSANI, T.S. A; HARRAD, D. Principais itens para relatar Revisões sistemáticas e Meta-análises: A recomendação PRISMA. **Epidemiologia e serviços de saúde**, v. 24, p. 335-342, 2015.

GOLDSTEIN, N.; DAVIS, C.; SALIBA, Z. Saúde reprodutiva em uma unidade psiquiátrica de internação: uma revisão retrospectiva de prontuários. **Psicofarmacologia Humana: Clínica e Experimental**, v. 36, n. 4, p. e2784, 2021.

HIGUCHI, T.; IWASA, T. Comitê de saúde da mulher, Sociedade Japonesa de Obstetrícia e Ginecologia: Relatório anual - 2024. **Jornal de Pesquisa em Obstetrícia e Ginecologia**, v. 51, n. 1, p. e16192, 2025.

HOPE, H. *et al.* A saúde sexual e reprodutiva de mulheres com doença mental: um estudo de registro de atenção primária. **Arquivos de Saúde Mental da Mulher**, v. 25, n. 3, p. 585-593, 2022.

JBÍ - JOANNA BRIGGS INSTITUTE. **Evidence Implementation Training Program**. 2022.

KIRKPATRICK, L. *et al.* Contraceção e cuidados de saúde reprodutiva para mulheres adolescentes e adultas jovens com epilepsia. **O Jornal de Pediatria**, v. 241, p. 229-236, 2022.

LINDEMAN, R. *et al.* Resultados de saúde reprodutiva entre mulheres com transtornos alimentares: um estudo de acompanhamento baseado em registro entre ex-pacientes psiquiátricos adolescentes. **Revista de Obstetrícia e Ginecologia Psicossomática**, v. 42, n. 4, p. 279-285, 2021.

MCCLOSKEY, L. R. *et al.* Contraceção para mulheres com transtornos psiquiátricos. **Revista Americana de Psiquiatria**, v. 178, n. 3, p. 247-255, 2021.

MILLER, H. E.; KRUGER, S. L.; PANELLI, D. M. Condições de saúde mental e contraceção: cenário atual, saúde reprodutiva e resultados obstétricos e orientação clínica. **Opinião Atual em Obstetrícia e Ginecologia**, v. 36, n. 2, p. 81-87, 2024.

NAWAZ, S.; GIRDLER, J.; RICHARDS, M. C. Um sistema de abordagem de cuidados para os cuidados de saúde mental sexual e reprodutiva das meninas. **Clínicas Psiquiátricas Infantis e Adolescentes**, 2025.

RAYBURN, W. F.; PRATA, B. (Ed.). **Colaboração Interprofissional para Questões de Saúde da Mulher, uma Questão de Clínicas de Obstetrícia e Ginecologia**. Ciências da Saúde da Elsevier, 2021.

SANTOS, C. M. C.; PIMENTA, C. A. M; NOBRE, M. R. C. A estratégia PICO para a construção da pergunta de pesquisa e busca de evidências. **Revista latino-americana de enfermagem**, v. 15, p. 508-511, 2007.

TOFFOL, E. *et al.* Associações entre o uso de medicamentos psicotrópicos e o uso de contraceção hormonal entre meninas e mulheres de 15 a 49 anos na Finlândia: um estudo de caso-controle nacional, baseado em registros, pareado. **BMJ aberto**, v. 12, n. 2, p. e053837, 2022.

VICKERS, M. L. *et al.* Saúde sexual e reprodutiva em adolescentes e adultos jovens com transtornos psicóticos: uma revisão de escopo. **Boletim de Esquizofrenia**, v. 49, n. 1, p. 108-135, 2023.

WAGHMARE, B. V.; JAJOO, S. Navegando pelos desafios: uma revisão abrangente dos problemas ginecológicos da adolescência. **Cureus**, v. 16, n. 3, 2024.

ZAKS, N. *et al.* Associação entre saúde mental e distúrbios do sistema reprodutivo em mulheres: uma revisão sistemática e meta-análise. **Rede JAMA aberta**, v. 6, n. 4, p. e238685-e238685, 2023.